



Gaiato

6 DE MAIO DE 1967
ANO XXIV — N.º 604 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



A «MARCHA DO GAIATO», NÚMERO INTERPRETADO EM NOSSAS FESTAS PELA MALTA DE MIRANDA DO CORVO.

Cantinho dos Rapazes

Não é a primeira vez que este tema me surge nestas breves mensagens oferecidas ao vosso pensamento. Mas nem que me repetisse, o assunto merece atenção. Nem eu me atrevia a recusá-lo, sugerido, como é, por este trecho de carta de um dos nossos em terras de além-mar a respeito de outro de àquem.

«Há uns dias recebi uma carta do meu mano A., que me deixou bastante feliz. É uma carta muito simples, cheia de felicidade e sempre que se recebe assim uma carta a gente se anima e pensa em viver mais, para reviver aquelas horas passadas da nossa infância, tão felizes até ao momento em que os deixei. Conta como vão as coisas em sua casa, dizendo que são sete meses de casado e sete em lua-de-mel.

É bom sentirmos essas ideias maravilhosas, quando da mesma forma procedemos, pois anos se passam e a lua-de-mel jamais termina. Não esqueceu nada, pois até me conta como foi o casamento, o que já tem em sua casa; lembra a ideia do Senhor quando pensava em que vivêssemos em casas juntas e conta algumas coisas da sua vida.

É de facto um Irmão sincero, do qual me orgulho. Que Deus o ajude e dê tantas felicidades quantas desejo para o meu Lar».

Primeiro: quero salientar aqui a amizade fraterna entre estes dois nossos Rapazes, homens já, chefes de família, bem lançados na vida com inteiro merecimento seu, tão distantes no espaço, mas tão presentes um ao outro por aquele laço que, não nascendo, embora, do sangue, tomou sua origem e enriqueceu durante os largos anos que tiveram o nosso por seu Lar.

Eu próprio suprimi neste pequeno trecho da sua carta, para não alongar a transcrição, expressões repetidas da felicidade do que me escreve pela felicidade do de quem es-

Continua na TERCEIRA pág.

Respostas ao postal-aviso

O entusiasmo dos nossos leitores não está abafado. Longe disso. Se ainda aparecem postais-avisos dos que seguiram para todos os assinantes!!

A correspondência recebida toda ela é espumante. Toda ela vibra do íntimo de cada um dos nossos correspondentes. Olhem pra esta carta:

«As minhas desculpas por só hoje poder vir enviar-lhes esta pequena quantia (200\$00) pe-

los quatro livros da vossa Editorial.

É tamanha a Doutrina que

da NOSSA EDITORIAL

pelas suas páginas perpassa que dinheiro algum os poderá pagar!

Obrigado, muito obrigado Pai Américo pelo Bem que fa-

PATRIMONIO DOS POBRES

Tive ontem uma jornada muito feliz. Foi na Esgueira. As duas primeiras casas iam ser entregues. Assistiam as Autoridades civis e religiosas. Temi solenidade. Pois não senhor. Ali fomos todos, muito simplesmente, cristãos participantes da alegria comum que realizava em nós a unidade de alma de que falava a oração do dia.

O programa singelo teve a marca de Pai Américo: por centro o Altar. Foi nEle que nasceu o Património dos Pobres, há 16 anos. Foi nEle que começou a existir para a sua função o Património dos Pobres da Esgueira.

Senhor Bispo de Aveiro celebrou. A hsmília foi um testemunho de conhecimento e de presença

à vida dos Pobres. E, no desenrolar dela, senhor Bispo expoz com muita clareza o que pensava do Património como realização da Caridade da Igreja-Mãe; e também o que lhe parece essa outra modalidade de construção de casas próprias por trabalhadores ajudando-se mutuamente. Apeteceu-me dizer apoiado; e se não fôra estarmos onde estávamos...

Depois da Missa fomos todos ao lugar onde são as casas. Para já, um bocado retirado, embora local saudável e airoso. Porém, quem deu o terreno para aquelas duas casas deu que chegue para mais umas tantas — pelo que, em breve, se espera que seja ali um novo lugar da freguesia

da Esgueira a esperar de quem de direitos aqueles cómodos de urbanização a que só um povo, embora pequenino, pode habilitar-se.

Aquela ideia da distinção entre a Caridade e a Justiça ia na mente do Senhor Bispo; e creio que foi semente bem caída na alma de cada um dos que o haviam escutado. Pois não rezáramos, nós na oração do dia «Ó Deus que fazes de uma só vontade as mentes dos fiéis...»?!

Para mais, as Famílias que iam ser empossadas a título gratuito, mas precário, naquelas duas casas, não eram do tipo indigente, carecido da total solicitude da Igreja Mãe, para o qual Pai Américo, sonhou o

Cont. na pág. DOIS

AQUI, LISBOA!

Após mais de dois meses de ausência nestas colunas, ao retomarmos o contacto com os leitores desta secção, não queremos deixar de assinalar a satisfação com que nos consolaram, mais uma vez, as festas realizadas na Amadora e em Lisboa. Estamos certos que em nenhuma parte os Amigos da Obra se excederam tanto em manifestações de carinho para com os Rapazes.

No Monumental, por imponderáveis (de peso), o espectáculo, com a sala esgotada, teve de ser adiado à última hora. Nem por isso, porém, na semana seguinte, deixaram de comparecer os obreiros de fora carregando, de novo, com os pacotes mais díspares, contendo roupas, doces ou outras coisas úteis. Nas capas vinte mil, além de donativos para outras actividades da Obra.

Fomos este ano pela primeira vez a Santarém, guiados por mãos amigas. Para dizer a verdade esperávamos mais. De qualquer maneira tivemos o prazer de confraternizar com os numerosos simpatizantes

zes às nossas almas e pelo caminho que nos apontas — Caridade».

Deixemos falar os leitores. Que as nossas palavras ofusquem o brilho das suas vivências:

«Pedindo perdão por só agora vir enviar os 50\$00 escudos referentes ao admirável livro

Continua na TERCEIRA pág.

Continua na SEGUNDA pág.

A jornada feliz começada na Esgueira, conforme se relata sob a epígrafe Património dos Pobres, prosseguiu após o almoço em casa de Família amiga, tão amiga, tão nossa, que bem poderíamos chamar-lhes, sem exclusão nem desprimor para mais ninguém, os nossos Amigos, os donos da nossa casa em Aveiro. Pela região a Família gaiata prolonga-se. Um, ovelha tresmalhada do rebanho, foi-nos ver. Por enquanto é tempo da ferida aberta, que não nos autoriza ainda a mostrar-lhe muito os dentes. Mas ficámos contentes porque nos veio ver. E estimá-

mos o seu gesto, sobretudo, pelo que ele comporta de experiência da realidade e significa de ajustamento a ela em quebra do orgulho.

A partida, encontrámos no carro o recado de outro que achou o Morris embora não a nós. No limpa-para-brises um papelinho como a Polícia usa, dizia: «A multa por esta passa, mas na próxima...» Assina a «contra-fé» o «Zé Bolas».

Em Cacia nova paragem em casa do Ramada. Só em Setembro por lá passáramos. Alegrou-nos o coração a casinha tão arranjada e os progressos do seu adorno, que ele

«Como a Família é Verdade»

e ela, mês a mês, vão acrescentando com as suas economias conseguidas na vida muito caseira que levam.

Um nadinha mais e estávamos na casa do Amaral em Angeja. Este vive ainda em casa dos sogros, mas procura um terreno — e poupa para ele — afim de construir a casa para os seus. É que a Família

está em vésperas de aumento! Fomos com os dois ver o terreno em que puseram os olhos. Jeitoso, suficiente, bem situado. Deus queira os preços loucos que os homens pedem por um pedaço de terra — eles que acabarão todos em dois palmos! — não lhes proibam a realização dos seus desejos.

Em Avanca, onde temos o Ferreirinha, não pudemos parar. Esse já comprou a sua territa — e em bom tempo o fez. Espera acabar o seu pagamento este verão e depois será o novo esforço para a construção do seu lar. São já três filhos e os mais que Deus mandar.

Em Ovar pegámos noutra que prepara o seu grande passo. Que Deus o guie por caminhos temperados pelo sacrifício a porto de acerto e de felicidade.

Terminámos em Gaia, na casa do Mota, que é trolha e aspira a tomar obras à sua con-

ta — desejo muito razoável, mas bem difícil e arriscado nos dias de hoje, para quem não tem bases financeiras. Há uma semana baptizara seu primeiro filho. Avisado tarde demais, não me foi possível descomprometer de outra obrigação familiar. Mas Mota não perdeu. E, se não foi no dia, foi na oitava que eu jantei à sua mesa e conheci o seu menino.

A nossa vida é vária, mas feliz. Nem sempre foi de rosas o levar destes que ontem assim floriram a minha tarde domingueira. Mas valeu a pena muita arranhada nos espinhos, que assim ajudou a este desabrochar primaveril: Famílias modestas, mas dignas, que a Obra gerou e que hoje a honram.

Nem sempre é assim — é verdade! Mas valeu a pena! «Que fosse um só a salvar-se e valeria a pena — diz Pai Américo. Mas eles são tantos, tantos!»



PATRIMÓNIO

dos Pobres

Cont. na PRIMEIRA página

Património; antes duas Famílias numerosas e válidas, a quem a sociedade deve proporcionar a posse de uma casa própria que sirva de berço a filhos e netos.

Disse: deve — portanto de Justiça; proporcionar — logo tornar possível pela iniciativa do seu próprio esforço!

Deste modo, a benção e entrega das casas, sem outro débito de palavras que não fôsse o justo

agradecer do Pároco e o prestar de contas das Vicentinas, tornou-se em fraterno diálogo, em que todos: Senhor Bispo e Senhor Governador Civil, mais Senhor Presidente da Câmara Municipal e os mais modestos circunstantes — estávamos ali em comum, dando e recebendo.

Que linda inauguração! Que proveitosa!

Chamaram-se os chefes das duas Famílias; esclareceram-se as posições: Para já, estavam de posse das casas que a Paróquia lhes proporcionava para que eles próprios se promovessem a uma habitação própria. Se alguém tinha escrúpulos no aproveitamento do resto do terreno doado ao Património, para a construção de casas próprias por iniciativa de cada um, o discorrer da conversa decerto os dissipou e a concordância expressa da doadora do terreno pôs-lhes ponto final. Senhor Bispo prometeu ajuda; Senhor Governador e Presidente da Câmara de mesma sorte; nós a «telha», consoante o costume da modalidade dos «pequenos auxílios». Vicentinas continuam a assistir como «recebeiras» que são dos Pobres. Aveiro é terra de tijolo. Um dos moradores operário de construção civil. Os filhos dos dois casais totalizam 18 e destes, ao menos meia dúzia pode já ser francamente prestável nos serviços auxiliares.

De modo que se espera que o Património dos Pobres da Esgueira forneça uma sugestão a muitas outras paróquias de como se pode ajudar a Auto-Construção, dando a Famílias pobres, mas válidas, a oportunidade de fazerem pequenino mealheiro no arrecadar da renda que pagavam e agora não. E, com o auxílio de todos aqueles que, na consciência do seu dever de amor ao Próximo, puseram a sua Caridade ao serviço desta Obra de Ela que é o Património dos Pobres, prossigam no caminho de uma etapa superior, de realização da Justiça, que quer para cada Família a sua casa.

Aqui,

Cont. da PRIMEIRA página

tes da Obra na linda capital do Ribatejo. Prometemos voltar. Entre as notas muito agradáveis destaca-se a atitude da Polícia, aliás como sucedeu em Lisboa, ao prescindir dos honorários a que tinha legitimamente direito.

x x x

Aproxima-se a abertura do novo Lar de Lisboa em andar próprio, anseio de há muitos anos e que tivemos a graça de ver concretizado. Interessa agora mobilá-lo, em linhas simples mas com um certo conforto. Vão multiplicar-se as despesas e por isso aqui deixamos nota do facto.

x, x x

Aproxima-se o termo da construção das novas pocilgas, para logo passarmos ao aviário. Entretanto, projectadas as futuras oficinas, pensamos poder começá-las nos meados do ano. É coisa para o seu mi-lhar de contos, que não temos, evidentemente. Uma coisa é certa, todavia: as obras hão-de prosseguir, sem desfalecimentos, sejam quais forem as di-

ficultades encontradas. Deus não nos deixará, como até agora, para confusão de muitos e salvação de outros.

Notícias da América, terra de coisas desconcertantes, dão, atribuída a alguém responsável, a afirmação de que se gasta mais dinheiro com os animais de que com as crianças desprotegidas... Triste situação e nota confrangedora dos tempos em que vivemos. Se a solidariedade e a fraternidade de que nos fala Paulo VI na sua recente encíclica fôsssem factos palpáveis, muitos mais se evitariam. Infelizmente, lá como cá, há muita gente que se esquece dos seus deveres primários, delapidando os bens e esquecendo os seus ir-

Lisboa!

mãos em dificuldades. Nós, por graça de Deus, iremos insistindo. E, com as ajudas dos homens bons da nossa Terra, havemos de ter nos arredores de Lisboa uma Aldeia à altura das necessidades dos Jovens que nos vão sendo confiados. Para lá do mais, pare-nos ser uma maneira de ir preparando o Juízo final...

Padre Luís



Visado pela

Comissão de Censura

De que nós necessitamos

Mais migalhas. Mais carinho e mais amor. Aqui vai a vossa generosidade.

200\$ de Ilhavo. Valadares com 500\$. E. D. M. com os 20\$ habituais. «Por alma de Manuel», 50\$. Sacerdote anónimo, com significativa lembrança para um dos nossos Padres. 100\$ de Lisboa, resultante de um aumento de ordenado. 3 belíssimas camisas de Santarém. Mais um cheque de 100 francos, da nossa ass. 21454. Os quais já foram levantados. Obrigado.

Mais 100\$ de Vilar Formoso. Da secção de peixe do Mercado do Bom Sucesso, 1.000\$. «Por alma da nossa santa Mãe», 100\$. Lisboa — 2 com 20\$. «Uma Filomena do Porto» com 500\$. Mais 40\$ da R. da Corticeira. E mais uma migalha de 20\$ de Lisboa. E mais ainda um restinho de 2.134\$10, da Comissão Central da Queima das Fitas, do Porto, do ano de 1965. Gratos pela vossa lembrança, bons Amigos.

Isabel com 10\$. Penedono com 296\$. «De uma mãe sempre muito triste, que pede uma Avé-Maria», 100\$. De Aveiro, casal amigo que não pôde assistir à nossa festa no Aveirense, enviá o custo de 2 bilhetes. Do Porto 80\$, «que é o primeiro abono de nossa filhinha». E mais 20\$ de F. T. F. Vila da Feira com 165\$. Do Porto, o Sr. Manuel da R. da Corticeira aparece com 2 presenças de 40\$. M. L. com 50\$ + 50\$00. Anónima com 500\$.

Flanelas e fazendas dos Armazéns do Norte. Um pacote de malhas da Fábrica Jomel de Minde. Ass. 4063 com 1.000\$ de promessa. E a já conhecida Luísa com 20\$ e seu cartãozinho: «Quando há muitos pardalitos numa eira só cabe um grãozinho a cada um».

Lá vai o sobrevivente do casal R. D., com 50\$+50\$. Mais um cartão: «Nesta quadra festiva, os funcionários da Caixa Sindical Textil, enviam pequena lembrança de 1.770\$, do muito que desejavam oferecer para essa Obra que tanto admiram. «Obrigado bons Amigos. Mais 500\$ do Porto. Promessas de 1.000\$, 20\$ 50\$00, 400\$, 500\$, 300\$, 50\$, 300\$, 50\$, 50\$, 100\$ e 1.250\$. Mais um fato e 3 pares de sapatos de Barcelos. A oferta anual de 25 litros de azeite, dum Médico amigo. Anónima com 500\$. Lisboa idem. «Para o mais pobre dos Pobres», 400\$. 21\$50 do Porto. Outra vez Ass. 21454 «com um cheque de 1000 francos». Da Comissão de Beneficência da Queima das Fitas em 1966, parte do produto da venda da Queima de pastas: 14.710\$. A nossa gratidão.

Acusamos, também recebidas, todas as vossas ofertas depositadas no Espelho da Moda. Quando por lá vamos, a par da amizade e carinho de todo o Pessoal, encontramos pacotes de todas as formas e feitios e o mais que lá depositais.

Manuel Pinto.

«Todo o dom perfeito e toda a dívida boa vêm-nos do alto» — diz-nos S. Tiago.

Vou hoje dar conta das tuas presenças materiais na nossa vida, visto que a tua colaboração espiritual e moral os nossos sentidos não são capazes de registar. Dá comigo graças a Deus pelos dons da tua generosidade:

Vinte em Santa Cruz com o pedido muito íntimo de ser generosa e mais trezentos à porta com pena de não poder dar mais, mas procura estender-nos a mão muitas vezes; 157\$50 de visitantes de Cantanhede; cinquenta de Gavião; mil e quinhentos em vale telegráfico de Lisboa de novo médico e esposa que muito estimo; trezentos e meninas de Vila de Rei; duzentos e cinquenta a dizer que não posso esquecer a mais bela Obra de Caridade do País; cem e roupas entregues no nosso Lar; vinte de uma Pobre; quinhentos de S. João da Madeira.

Uma família do Bombarral com roupas; cheque da Covilhã; novecentos dum dos nossos em Moçambique; duzentos para ajudar a sustentar o menino Jesus; cinquenta em Santa Cruz; cem de viúva por mais um aniversário do filho, quinhentos mais mil de Lisboa; roupas de Reguengos de Monsaraz; embrulhos de Mortágua; vinte de um novo médico; embrulhos, mais embrulhos e mais todas as coisas que vais levar ao Castelo. Eu vou ali muitas vezes carregado de aflições à procura de alívio.

Gabardine na minha mão; cem de Leiria; assinaturas entregues aos vendedores de Lei-

TRIBUNA de Coimbra

ria; assinaturas entregues aos vendedores da Covilhã, Fundação e Castelo Branco; vinte de Vilar Formoso; quatrocentos do primeiro aumento de ordenado de Professora Primária; quinhentos de primeiro aumento de casal muito nosso; duzentos e cinquenta e roupas de viúva por alma do marido; cinquenta em casa; cem de sacerdote visitante; cem na rua; vinte mais vinte nos Hospitais; cinco mil em vale de correio; mil do Ribatejo; quinhentos mais quinhentos de criado.

Dois mil no Castelo; quinhentos para o Calvário levados ao Lar; cinquenta mais cinquenta das Caldas; duzentos e cinquenta e as atenções da Auto-Industrial; duzentos de Leiria de mãe muito mãe; cinco dólares do Alberto do Canadá; quatrocentos sempre certos das Amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; cinquenta e B. F.; mil de visinho na sua visita familiar com os filhos; cinquenta de todos os meses; cento e cinquenta da Direcção dum colégio que está sempre presente; as amêndoas de quem manda sempre; quarenta do Zé António e do Jorge; cinquenta de visitantes; quarenta, mais cinquenta do Entroneamento.

Cem de Ilhavo; uma libra em ouro; duzentos e cinquenta da Senhora que nunca se esquece; mil e quinhentos de promessa; cinquenta de Alquerubim por alma de Manuel e de Cosme; dois mil e sessenta do primeiro ordenado do filho; livros da Marinha Grande; cem em vale de Lisboa; duzentos do Filipino e seu ir-

Respostas ao postal - aviso

Cont. da PRIMEIRA página

«Obra da Rua» e agradecendo a confiança que depositaram em mim enviando o livro antes de eu satisfazer a importância.

Que Deus abençoe essa Obra pois sinto que depois de ler os 3 volumes do «Pão dos Pobres» e o «Obra da Rua» a minha cruz que eu sentia tão pesada tornou-se leve, e sinto-me pequenina como um verme. Rogo a vós e à Santa Alma do nosso Padre Américo as melhoras de meu marido; que me dê a mim saúde e força para o tratar».

mão António para as primeiras pedrinhas do novo Lar. Eis um sonho que brevemente espero revelar-te.

Cem de sacerdote visitante; vinte em S. Bartolomeu para o Calvário; e agora põe-te numa atitude de muito respeito, porque vai passar a Companhia de Caçadores n.º 722 que regressou de servir em Angola e vem fazer entrega de seiscentos.

Nos domingos passados fui a Santa Cruz e a S. Bartolomeu e Sé Velha levar aflições de irmãos. Os cristãos presentes estiveram atentos. Que o Senhor, em nome de quem fui, faça germinar e frutificar a semente.

Padre Horácio

Mais uma lembrança original de J. C. A., de Lisboa:

«Aqui lhe mando 20\$00 para adquirir um dos livros do saudosíssimo Padre Américo e oferecê-lo a um pobre, para, por mim, o ler, já que a minha vida não me permite relê-lo. Ao menos que alguém o faça por mim, e talvez com mais proveito!

Afectuosas saudações em N. S. Jesus Cristo».

Formidável! Os nossos amigos são formidáveis!!

Finalmente um postal que, em poucas palavras, diz muito:

«Para aprofundar os meus conhecimentos acerca das Casas do Gaiato e para ter o conforto de ler o que o Pai Américo escreveu, venho por este meio pedir o favor de me enviarem: 1 volume do «Obra da Rua» e os 3 volumes do «Pão dos Pobres».

Já agora, porém, a lembrança do costumê: ainda há exemplares nas estantes... Quem tiver interesse poderá solicitar-nos os três volumes do «Pão dos Pobres» e o «Obra

da nossa Editorial

da Rua». São encomendas que seguirão logo na volta do correio — para não se perder tempo. E para que o Fogo se não apague na alma dos nossos assinantes.

Júlio Mendes

da Rua». São encomendas que seguirão logo na volta do correio — para não se perder tempo. E para que o Fogo se não apague na alma dos nossos assinantes.



A CASA DO ANTUNES, CHEFE DA SAPATARIA DA NOSSA «ALDEIA» DE PAÇO DE SOUSA.



Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMERA página

creve. É uma amizade cimentada pela comunhão de alegrias, como outras vezes o foi pela comunhão de horas amargas, e que ainda hoje experimenta na comunhão de vida a sua actualidade, que nem tempo nem distância ousam quebrar.

Esta, parece-me, devia ser a regra geral dos sentimentos entre vós. Mas verifico frequentemente, com estranheza e desgosto, que assim não sucede. E tal denuncia uma autêntica falha na nossa vida de Família, a qual não soube ainda diagnosticar.

«Rir com quem ri, chorar com quem chora» — é sintoma da nossa caridade, da nossa vivência do amor do Próximo. Ora se assim nos manda Cristo em relação a todos os homens, quão mais intensamente o não quererá Ele a respeito daqueles a quem particulares razões nos irmanam?! E não serão particulares razões jus-

tificativas e fadoras de fraternidade, a confraternização à mesma mesa, sob o mesmo tecto, a partilha do mesmo bafo, do mesmo nome prestigiado e bem aceite de gaiato, durante tantos anos?!

Eu vos convido, pois, a pensar connosco no quê e no porquê desta falha.

Segundo: desejo chamar a vossa atenção para a felicidade conjugal destes dois Irmãos mais velhos, tão eloquentemente dita por esta identificação: «sete meses de casado, sete meses de lua-de-mel». Que lindo dizer! — diria Pai Américo... Eu, aqui sentado na sua cadeira, à sua mesa de trabalho, parece-me que o estou a ouvir.

Que felicidade me dão afirmações como estas, sobretudo quando, como me aconteceu também nos últimos dias, me chegam desabafos de outros lares onde a felicidade não reina, havendo, embora, todo o preciso para que reinasse... — tudo, menos aquele religioso

sentido do amor que nós não soubemos dar a todos e cada um de vós!

Terceiro: esta felicidade não é apenas dom caído do céu; não é somente sorte e acerto na escolha do conjuge. Este vosso Irmão de além-mar, acrescentando à afirmação do de cá o seu próprio testemunho, emprega o verbo adequado: «É bom sentirmos essas ideias maravilhosas quando da mesma forma procedemos, pois anos se passam e a lua-de-mel jamais termina». A felicidade de que eles falam constroem-na eles a partir do dom de Deus, da escolha acertada a que Ele os conduziu em prémio da seriedade dos seus procedimentos. E, porque seriamente, esforçadamente, continuam a proceder, a felicidade não sofre eclipse, o prémio é dom contínuo que o sofrimento e a contradição inevitáveis na vida não logram ofuscar.

Pensando em todos vós, principalmente nos que já de relativamente perto preparam a fundação de seu lar, eu não posso desperdiçar esta experiência destes vossos dois Irmãos. E peço a Deus que vos desperte o desejo de experimentar também e assim! «vos ajude e dê tantas felicidades quantas eles desejam» e vão tendo nos seus Lares.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

As poucas linhas que se seguem resumem os mais belos dias da Semana Santa, passados em nossa Casa.

Na Quinta-feira, na igreja paroquial, à Ceia do Senhor, antes de se dar ao sofrimento e à morte, por nosso amor, ouvimos, ainda as últimas palavras que o Senhor pronunciou, antes de ser entregue, pela boca do Sr. Prior. À noite fizemos adoração.

Igualmente na Sexta, na igreja, para adoração da Cruz. Cruz que todos nós carregámos sobre os ombros do Senhor. Neste dia sentia-se o luto da morte do Salvador, em cada um dos nossos corações.

Para sábado, depois das cerimónias do lume novo, renovámos o Sacramento do Baptismo. Todos, de novo, como crianças inocentes, assistimos à missa da ressurreição. «Ele estava morto e ressuscitou». À comunhão, todos receberam a participação da alegria de Cristo.

Depois disto, em nossa casa, um cafézito, uns bolitos e umas amendoas, deram por fim aquele dia.

Quando o sol já tinha aquecido a atmosfera, os rapazes, alegres brincavam, saltavam, jogavam a bola etc. Foi um dia livre para todos. Podiam viver a alegria que cada um desejava.

Não pode haver maior alegria, em dias de festa, como na Casa do Gaiato, onde tudo e todos, são alegria, beleza e felicidade.

No Domingo de Pascoela, mais um casamento; o Pascoal, depois, de tantas dificuldades, realizou o seu futuro sonho. Oxalá sejam sempre felizes.

O trabalho cá em Casa continua a ser o rival dos rapazes. Na Carpintaria, na Serralharia, no Campo, na Escola, os rapazes vivem o trabalho com alegria.

Começam as sementeiras. No Olival dos poços está tudo semeado de batatas. Teremos de semear ainda a terra do Ti Jaime e o Poço Novo. Esperamos ter tantas batatas como o ano passado.

Quero aqui agradecer a uma Senhora de Coimbra que nos deu uma bola de futebol. Bem-haja e que abençoe todos os que ajudam os que pouco têm.

Henrique Carvalho

III

BENGUELA

Desde há muitos números de «O Gaiato» que a voz de Benguela, não tem feito parte! Eu, a cumprir o serviço militar, é-me impossível fazer tal coisa. A não ser como de momento, em que cá estou a passar uns dias de licença.

Creio para vós, rapazes desta casa, este cantinho que um de vós poderá encher quinzenalmente. O pouco que seja, desde que tenha o seu fundamento, é sempre muito para alegrar os corações dos que longe de vós estão. Estes,

folgam sempre em reler as notícias da nossa Casa.

Foi um dia de calor que me trouxe a este cantinho de Angola. Queixei-me do calor que vim encontrar, mas, de outro modo, alegrei-me com a água que o rio Cavaco levava! — Já há dois anos que aquele rio não sabia o que era água. As cacimbas e os poços, começaram novamente a produzir água, cultivando assim, melhor cultura, numa mais bela produção dos mais variados legumes, e, do alargamento das lindas e novas árvores que rodeiam a nossa bela aldeia. Esta, com a casa-mãe nos últimos retoques, vai esperando que o depósito se prontifique, pois ainda faltam uns bons sacos de cimento e também uns quilos largos de ferro. O motor que levará água para o dito, já funciona levando água para as regas do bananal.

Esperamos dentro de pouco tempo a inauguração, a que pedimos também a vossa colaboração. A madeira de cofragem deste, veio toda de uma oficina que nos abriu as portas logo que começamos com as primeiras obras. As serras da oficina de carpintaria, são emendadas todas lá, porque o nosso emendador não funciona! Seus donos, são um casal e oito filhos... mas mesmo assim, com dificuldades da família, ao preço que compra as madeiras é a esse mesmo que no-la transita, sem ganhos! Desde já agradecemos o carinho com que nos tem recebido e a ajuda que nos tem dado a Carpintaria de Benguela.

O CAMPO DE FUTEBOL — Depois de longo período de estudos está agora a ser elaborado o seu plano de execução! Parece que o dezoito de Maio, não só terá inaugurações destas, na cidade, mas também a de um campo de jogos em nossa casa!

Um dos factos importantes que cheguei a saber, é que nos tem facilitado, no que respeita a facturas! Mas, estas são excessivas. Não nos largam! E segundo me consta, a mais atrasada é da padaria onde diariamente buscamos o pão para as refeições. Desde Agosto, que não é pago! Quem lá vai por nós liquidar algumas? Era tão bom que viesse a notícia de que era menos um mês a pagar... Nunca é tarde para o fazerdes, pois a padaria Simões, lá espera a liquidação das facturas do pão.

João Evangelista

III

BELÉM

A CARPETE DE LÃ — Já há muito tempo que andámos a fazer quadradinhos de lã para se fazer uma carpete, para se vender. Eram as do meu recreio que andávamos a fazer, mas quando já tínhamos pouca lã, a nossa Mãe deu-nos, às mais velhas, outros trabalhos e ficaram as da escola a acabar a lã. Já se começou a pregar os quadradinhos uns aos outros. Está a ficar muito bonita, mas como não temos mais lã igual àquela com que se estava a pregar os quadradinhos, não se continuou.

Está arrumada até que apareça lá igual.

Eu e outra menina, andamos a fazer um bordado que uma senhora encomendou. Quando estávamos na outra casa, tínhamos mais tempo para fazer rendas e bordados, porque não tínhamos quinta, aqui temos quinta e quando é preciso vamos para lá. Ainda quando temos mais tempo é no inverno, que está a chover e não vamos lá para fora. A sala onde costuramos tem seis janelas e no Verão faz muito calor. Por isso gostamos de andar pela quinta e é mais agradável.

Zinha

III

A NOSSA QUINTA — Está muito bonita. Estes dias com sol, da Primavera, ainda a tornam muito mais risonha e encantadora.

Nos campos temos quase tudo cultivado. As árvores de fruta estão muito bonitas, cheias de folhinhas e algumas delas mostram-nos os seus pequeninos frutos. As árvores pequeninas com as suas flores, dizem-nos que não tardarão a mostrarem os seus frutos.

Em frente da casa temos um jardim com roseiras e as rosas são muito bonitas e de várias cores. Deitam um cheiro muito agradável.

Não só temos rosas e flores nos jardins como pelas colunas da varanda lindas roseiras a trepar. Pelos muros das vinhas temos uns chorões todos com flor que dão muito efeito e pela carreira acima, dos lados, temos flores amarelas.

Na mata as árvores estão cheias de flores novas que nos dão a sua sombra e uma aragem muito fresquinha. Quando está tempo bom, vamos para lá arranjar caruma, pinhas, e lenha para o fogão.

Como os senhores vêm não está nada feia a nossa quinta. Então não queriam vir até cá dar uma visita.

Fatinha

III

Paço de Sousa

Novamente em contacto com as colunas de «O Gaiato», nos quais temos a inabilidade de saudar e felicitar todos os nossos amigos leitores e todos aqueles que assiduamente colaboram para esta grandiosa Obra.

A NOSSA ALDEIA EM BELEZA — Quem não sabe porquê? Pois, é precisamente por encontrarmos-nos na época primaveril. Tudo se envolve num belo cenário: as árvores floridas, os campos verdejantes, os indispensáveis ares puros, recebidos da maravilha da natureza, o gorgear dos passarinhos, com azáfama dos seus ninhos, tudo isto, claramente toma a forma de um ambiente diáfano, numa dimensão de beleza!...

Amigos! Não percais esta convidativa oportunidade. Façam uma deslocação a esta Casa e depois digam ou não se não é um centro agradável e estável, tal qual como eu defino.

DESPERTADORES — Queremos dar referência com o maior destaque, a uma valiosa oferta que veio das mãos de um nosso amigo, que foi intensamente pronto e atencioso ao nosso alarme, de um «despertador», no que fomos muitíssimo bem atendidos. E assim, foi mais uma numerosa inquirição que se desfez do nosso meio.

Não temos provas concretas de quem nos ofereceu o «despertador». Mas isso não tem influência no caso. O que nos resta neste exacto momento, é apresentarmos e deixando aqui gravado o nosso muito

obrigado, e, que o Senhor o compense pela vida fora. Obrigado!!!

Não fugindo ao referente assunto, queremos de novo relembrar, com a maior persistência, que um «despertador» não é o suficiente para esta Casa que tem a particularidade de vários repartimentos, e não são poucos! Por isso, leitor e amigo, não terás também, possibilidades de acender mais uma luz invisível, num ou outro sector desta Casa?.

Ao meditar estas simples linhas, inevitavelmente... não resistirás e nos surpreenderás com o dito objecto tão indispensável. Contudo, quem mais levanta o dedo!?

António Ferreira Leite

SETÚBAL

Foi a 5 de Abril que a nossa 1.ª festa se realizou. E foi exactamente aqui em Setúbal.

Sentimo-nos gratos e satisfeitos pela presença amiga de tantos entusiastas que desde o 1.º minuto do espectáculo começaram a conviver connosco e a fazerem parte integrante deste pequeno momento da nossa vida.

Sinto que este bom público não é exigente e que a maior parte dele compreende que as nossas festas não são feitas por profissionais a quem têm o direito de exigir números admiráveis. Sabem que elas são fruto do nosso conhecimento e da nossa vida.

Uma boa actuação implica labor, vontade e disciplina de todos os nossos rapazes. Por isto, merecemos bem o apreço e a admiração de todos os que estão para além-palco.

Sei perfeitamente que há muita gente que compreende isto e por

isso nos amá profundamente.

Como seria bom que todos actuassem assim!

Então não haveria bocas a proclamarem: «Nós não assistimos ao espectáculo mas comprámos o bilhete para ajudar». Eu pergunto: «Aquele lugar é para quem?» Se se quer dar esmola à Casa do Gaiato, sim que nós vivemos do que nos dão, que se dê em dinheiro em roupas, em alimentos, etc. mas nunca comprar bilhetes. Porque se a Casa se esgota há pessoas que gostariam de lá ir e necessitariam, consequentemente, desse ou desses bilhetes que compraram. Se adquirirem bilhetes com o propósito de ajudarem a Casa do Gaiato, que vão lá presenciar o que nós fazemos, para que compreendam melhor como é a nossa Obra e como nós somos. Há tanta gentinha boa que não divisa o nosso ideal!

Peço-vos, caríssimos leitores, que, nos anos futuros, compreis bilhetes e ide lá presenciar com os vossos próprios olhos e conviver, ao mesmo tempo, connosco. Isso dá-nos brio. Alegra-nos ver uma casa cheia de espectadores a apreciar os nossos números e a nossa conduta.

Aqui deixo o pedido no desejo de ser atendido não só aqui em Setúbal mas em todas as localidades onde a Obra está presente.

Vamos levar a efeito, também, outras festas, verdadeiras representações da nossa vida, noutras casas de espectáculos de outras localidades. As próximas será em Almada, no dia 23 de Abril, na «Incrível Almadense». No 1.º Domingo de Maio (portanto, 7 de Maio) será em Palmela.

Esperamos que seja um sucesso ou pelo menos tão boas como foi a de Setúbal.

Rogério



A VALOROSA EQUIPA DA CASA DO GAIATO DE SETÚBAL.

LAR DE COIMBRA

Amigos leitores como temos andado um pouco afastados do famoso hoje mesmo vos vamos dizer algumas das nossas notícias. Terminou mais um período da Escola, o qual terminou bem com a Comunhão Pascal e agora esperamos as notas das disciplinas e do comportamento, visto, no último deste ano lectivo se Deus quiser também queremos ver se assim como entramos, também saímos todos bem e passados para outro ano que é a nossa ambição de chegarmos ao fim do ano e passarmos com as melhores notas possíveis...

Também, já se realizaram as nossas festas as quais correram com o maior entusiasmo e alegria.

Também aqui a uns dias o nosso cozinheiro fez anos e umas pessoas

que o cá vinham visitar de vez em quando prometeram-lhe que no dia dos anos dele lhe traziam uma prenda e se assim o prometeram assim o fizeram

E no dia dos anos dele lá lhe apareceram com a tal oferta que eram muitos bolos e rebuçados e no fim de tudo ainda lhe cantaram os parabéns a você.

E por hoje nada mais amigos leitores, fecha a nossa crónica.

JOAQUIM



PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE
TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.